

REGINA STELLA

A ditadura do medo

O pânico se instalou, gigante, bem me lembro, quando as primeiras notícias sobre o Aids começaram a circular. Com avidez se corria aos jornais à cata de informações, e eram conferências, simpósios, explanações, artigos científicos abordando o assunto, e tanto se propalou o horror do mal que cada qual se viu como provável vítima, condenado a morrer como um cão hidrófobo, sozinho e abandonado. Até os hábitos foram relegados! O cumprimento amistoso de beijinhos e abraços arrefeceu, e a proximidade passou a se evitar como questão de vida e morte! A velha carona no cigarro alheio perdeu a graça da intimidade, bem como o gole no gargalo do refrigerante que o amigo acabara de tomar. O cafezinho no bar foi esquecido, quem sabe, o Aids por lá poderia estar, à espreita, esperando a hora de assaltar! A humanidade parecia irremediavelmente condenada, e cada um olhava o outro com certa suspeita, em potencial um portador do mal... E foi a apreensão, o temor, o medo, o susto, o assombro, o pavor e o terror, como um polvo enroscilhando o homem, pobre coitado, sem fuga, sem alternativa, castigado, punido!

Hoje, no continente africano, são dois milhões que carregam o vírus, e cinquenta mil, mais estão condenados a morrer, este ano ainda! Alastra-se o mal, e na terra de maior avanço tecnológico, no Shangri-lá dos tempos atuais, a Aids já fez mais vítimas que acidentes de trânsito e os custos mais altos que cancer de pulmão!

Pobre humanidade, pagando por um pecado que nem sabe como veio, humilhada, numa constatação de que nem o progresso e a civilização têm condições e meios de enfrentar o imprevisível! Há que se dar tempo ao tempo, e esperar que cientistas e pesquisadores se debrucem sobre retortas, e tubos de ensaio sejam febrilmente manipulados, para a descoberta da vacina, e a erradicação do mal!

Diante do imponderável, é mais um medo a se juntar aos outros, a tirar o homem, este pobre mortal. Às vésperas

do 3º milênio, ganhando o espaço sideral, em tantas naves descobrindo segredos, pisando a lua, desmistificando a velha seresteira, prateada de luz, e se agachando de medo, transido de pavor!

Sob sete chaves esconde o seu tesouro! Envaldecido, numa prisão entrega a sua alegria e guarda o seu sono, bonita fortaleza a casa, cercada de grades, portas e janelas! Nas horas vadias da noite, quem sabe, o assaltante pode irromper, o seu jardim se transformar em terrível canil, onde feras passeiam a sua agressão e alta periculosidade! Se é dia, entre a multidão, o pavor vai junto, que um delinquente, num sopetão pode lhe levar todos os pertences, documentos e trocados, que o dinheiro, num Banco, trancado, não sofre agressão! Nos pulsos, nos braços, quinquilharia tão só, que as jóias foram compradas para os cofres e gavetas... Medo que o ladrão lhe corte o dedo para arrancar o brilhante, e lhe enforque o pescoço para lhe tomar o cola!

Nas ruas desertas é proibido passar! Um malfetor pode estar à espreita, e a violência, de repente surgir e a ninguém respeitar, nem ao velho, nem ao moço, tampouco à criança e à ingênua adolescente. E é o seqüestro é o roubo, a humilhação, e a morte.

Caro tributo viver no progresso e na civilização, quando se propalam os encantos do urbanismo, o asfalto, as pistas, as vitrines ricamente decoradas, e a tecnologia em luz, em gás neon, decanta seus feitos e inventos!

Houve um tempo, eu sei, onde na rua tranqüila a criança brincava, e a porta da casa, sempre aberta, dava as boas-vindas ao visitante amigo que batia palmas. O de casa! Não tinha guarida neste pobre coração! Era a roupa no varal, o menino na rua, a moça na janela. E pela madrugada, noite de lua, os violões em procissão cantavam os seus amores, a paixão que alguém não ousava confessar baixinho... Felizes tempos!

Sem medo se esperava a lua, e sem medo se aguardava o seresteiro apaixonado...